

Anorexia: uma tentativa de separação entre o Sujeito e o Outro

Camilla Araújo Lopes Vieira

Professora da Universidade Federal do Ceará, campus de Sobral. Mestre em Psicologia pela UFC.

End.: R. Antônio Augusto, 1451, apt. 401, bl. 01, Aldeota. Fortaleza, CE. CEP: 60110-370.

E-mail: camillapsicol24@yahoo.com.br

Resumo

A anorexia é compreendida pelo saber médico como um transtorno alimentar que traz sua marca maior na recusa ao alimento. Partindo do que poderia ser a anorexia para a Psicanálise, iniciamos nosso texto já nos distanciando da referência ao simples “não comer”, e passamos a entender a anorexia enquanto um comer nada. Tal construção implica na tentativa, por parte do sujeito, de lançar o nada enquanto objeto, operando um campo distinto entre ele e o Outro e, conseqüentemente, demarcando seu espaço de desejo. Trabalhando alguns conceitos importantes, em psicanálise, apontamos, na anorexia, uma distinção nítida entre o seu desejo e o desejo do Outro, ainda que possa utilizar a própria morte como condição. Impossibilitado de dar o que não tem, o Outro oferece comida e empanturra o sujeito com sua papinha sufocante, não distinguindo os cuidados prestados com o dom de amor. Assim, nem epidemia da atualidade, nem mero ideal propagado pela mídia. Localizada no

espaço que se abre para o desejo, ela surge enquanto reivindicação do sujeito. Mesmo que a morte esteja vislumbrada, ainda que como última alternativa, o sujeito segue tentando fazer valer o seu desejo, diferenciando-o do desejo do Outro. Chegamos à conclusão, pois, de que a anorexia pode ser entendida como uma forma, por parte do sujeito, de manter-se à distância do desejo do Outro, numa reivindicação mesma de não abrir mão do seu próprio desejo.

Palavras-chave: psicanálise, anorexia, desejo, separação, sintoma.

Abstract

The anorexia is understood by the medical knowledge like an alimentary disturb that presents the trace of the food refusing. Beginning from what would be the anorexia for the psychoanalysis, we distance from the reference to the simple “not eating” and propose to understand the anorexia like an “eating nothing”. That construction implies the subject attempt to throw the nothing like an object, operating a distinct champ between him and the Other and, consequently, delimiting his wishing space. Gap, distance, at last, a noted distinction between his wish and the Other’s wish, even he can use his own death like a condition. Disabled to give what he doesn’t have, the Other offer food and crams the subject with his suffocating pap, not discerning the given cares from the gift of love. Thus, neither epidemic of our days or mere média propagated ideal. Located in the space opened to the wish, the anorexia appears like a subject claim. Even the death can be glimpsed, even like the last chance, the subject continues trying to make his wish being valid and differ it from the Other’s wish. So, we conclude that anorexia can be understood as a form, by the subject, like a way to separate himself from the Other’s wish in a claim to not give up his own wish.

Keywords: psychoanalysis, anorexia, wish, separation, symptom.

Introdução

Conceituar anorexia é uma tarefa um tanto problemática. “Conforme as palavras que o exprimem, a perspectiva que o situa e o artifício de sua exposição, o conceito muda e se diversifica.” (Zolty, 1989, p. 10). Situada e instituída a partir do saber médico, que em suas pretensões clínicas descreve, classifica e trata,

a anorexia é um transtorno alimentar. Como tal, tem na sua base um indivíduo transtornado que, na urgência de uma terapêutica eficaz, é forçado pelo médico, normalmente em parceria com a mãe, a comer para restituir a normalidade e recuperar o peso perdido pela recusa alimentar.

Começaremos tentando estabelecer uma discussão sobre anorexia tomando a Psicanálise como referência. Nesse sentido, vejamos o que é possível elaborar. Freud, é bem verdade, nunca se ocupou exclusivamente da anorexia. Não temos um texto dedicado a esse tema. Ainda assim, não podemos dizer que ele se omitiu diante do que chamou sintoma da oralidade. Desde os estudos sobre o **Mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos** (1893/1996a) passando pelo **Rascunho G** (1895/1996b), quando a aproximou da melancolia, e tecendo elaborações sobre as restrições ao método (1904[1903]/1996c) analítico, Freud nos deu indicações para o estudo da anorexia. Seu comentário mais elaborado está no que ele nos diz em 1918 [1914]:

É sabido que existe uma neurose nas meninas que ocorre numa idade muito posterior, na época da puberdade ou um pouco depois, e que exprime a aversão à sexualidade por meio da anorexia. Essa neurose terá que ser examinada em conexão com a fase oral da vida sexual (1996d, p. 113).

Aí estão alguns dos principais pontos com os quais podemos tratar do conceito de anorexia, tomando como referência teórica a psicanálise. Tendo em vista que a sexualidade humana remonta à própria história de vida do sujeito, como bem nos disse Freud nos **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905/1996e), é na prevalência da fase oral, onde os cuidados prestados à criança são imprescindíveis à sua sobrevivência, que temos o cerne da montagem desse sintoma re-significado pelo complexo de Édipo.

A mãe, enquanto função, tem como tarefa primeira alimentar a criança de comida, garantindo sua sobrevivência através de um objeto que supra a necessidade vital. Ao mesmo tempo, é imprescindível também oferecer e nutrir o bebê do alimento que não tem,

transmitindo o que Lacan denominou **dom de amor**, dado a partir do apelo que o sujeito faz a esse cuidador e nutridor. Tal oferta revela uma falta no Outro e, ao mesmo tempo, enquanto condição de possibilidade, um desejo.

Na anorexia o objeto da necessidade se mantém fixado enquanto moeda no campo das trocas e é a oferta predominantemente feita pelo Outro primordial. Dizer isso é afirmar que a mãe, na sua recusa em se mostrar faltosa, impede que o sujeito trilhe um caminho próprio, rumo ao desejo. Assim é que o alimento recorrentemente não sai da esfera da necessidade para a do desejo pela via da demanda. Deste modo, “no lugar daquilo que ele não tem”, o Outro “empanturra-a com a papinha sufocante daquilo que ele tem”, confundindo “seus cuidados com o dom de seu amor” (Lacan, 1958/1998, p. 634).

O sintoma anoréxico pertence ao campo do desejo, clamando uma reivindicação ao Outro materno: que este busque e sustente um desejo alhures, afinal, um desejo só se faz a partir do desejo do Outro. Assim, só é possível ao sujeito manter o seu desejo a partir do espaço montado pelo Outro.

A anorexia que pode levar à morte inscreve-se nesse movimento dialético com o Outro materno para o qual a anoréxica quer impor uma falta, a começar a sua própria; o que a anoréxica anseia é deixar de ser o único objeto de investimento materno (Zalcborg, 2003 p. 134).

Em sua fome insaciável por manter-se desejante, o sujeito com anorexia reivindica um lugar, possível de ser montado em torno do vazio que o faz comer nada. Então, numa via diversa da do saber médico, Lacan (1956-57, p. 188) nos esclarece dizendo que “a anorexia mental não é um **não comer**, mas um **comer nada**” e que “nada é justamente algo que existe no plano simbólico”, empregando essa ausência diante da mãe, de quem é dependente.

A reivindicação que o sintoma da oralidade parece fazer caminha no sentido de evidenciar que a nenhum alimento será possível atribuir a função de saciar a fome de desejo. Não apenas nenhum alimento, mas nenhum objeto pode tamponar o desejo. Através do silêncio ensurdecedor, da recusa por elaborar com pa-

lavras o desejo de desejar, a anoréxica leva seu empreendimento, muitas vezes, às ultimas conseqüências, renunciando ao ato de comer para revelar que nenhum objeto pode restituir a falta.

Na oralidade histórica, trata-se de fazer valer o desejo sobre a necessidade, de demonstrar o primado do apetite sobre a satisfação alimentar, e de testemunhar, assim, que o preenchimento da função oral pelo alimento só pode deixar alguma coisa – um nada – que estará sempre a desejar (André, 1998, p. 144).

Uma questão parece de suma importância: por que a manifestação de um sintoma como o da anorexia está intrinsecamente associado à adolescência? Acreditamos que é por ser aí, nesse período de chegada da fase genital, passado o período de latência, que os momentos anteriores, definidos como pré-genitais, se apresentam re-significados após a vivência edipiana, onde a entrada da função paterna vai, em cada caso, garantir, em maior ou em menor intensidade, uma separação do laço primordial entre mãe e filho.

A dissimetria edipiana

Surpreso com as novas descobertas sobre a feminilidade, Freud destaca a assimetria entre os Édipos masculino e feminino. No menino, a ameaça de castração força-o a abandonar o complexo de Édipo. Nela, diferentemente, o complexo de castração é o preparador do Édipo. Assim, a menina se vê forçada a afastar-se de seu primeiro objeto de amor – por decepção – já que a mãe mostrou ser desprovida do significante que lhe daria condições de ser fálica. Dirige-se ao pai como novo objeto de amor que, esperançosamente, lhe dará o que a mãe não deu. No entanto, a jovem peregrina chegará a uma decepcionante conclusão, qual seja, descobrirá que não poderá ter o falo. Mas, ainda assim, sua inveja a mantém em atividade, na busca por esse “direito”, articulando então uma das saídas possíveis apontadas por Freud.

Na mudança de objeto de amor, passando da mãe para o pai, ou na passagem da posição masculina para a feminina, ou ainda no deslocamento do prazer clitoridiano para o genital, movimentos per-

corridos no Édipo, encontramos uma situação bastante problemática para a menina. Pela ausência de um significante que especifique a sexualidade feminina, ou seja, de uma marca que, por presença, possa definir o que é uma menina, de algum modo ela mais uma vez voltará seu olhar e seu interesse para a mãe. É nesse sentido que dizemos que nunca se abandona o primeiro objeto de amor. Estamos vinculados a ele sempre, de uma forma ou de outra.

Mesmo renunciando ao amor materno, será necessário conservar agora uma identificação a ela. Além disso, a zona clitoridiana se manterá enquanto zona de satisfação sexual, destacando um não abandono da posição masculina. Temos, pois, uma limitação do alcance da metáfora paterna, própria do feminino. E é isso o que está na base das articulações dos sintomas que se instituem ao redor da problemática da feminilidade. A instância paterna, presentificada, não faz desaparecer o Outro primordial. Tomando a anorexia como sintoma que remonta à fase oral, reativa sob a forma de fantasias, esses momentos da relação com a mãe onde, não sendo possível transmitir à filha uma representação toda do feminino, o sujeito elabora uma saída para o seu sofrimento. A anorexia é, ao mesmo tempo, a tentativa de realizar um desejo e um não reconhecimento da diferença sexual, um não querer saber sobre essa diferença.

À função paterna cabe seu lugar de metáfora, mas ainda assim não é suficiente para que a menina se institua enquanto mulher, pois o pai não tem o significante para o sexo feminino. Na verdade esse significante nem existe.

Mais que uma substituição da mãe pelo pai, trata-se aí de um transporte, mantendo a relação com a mãe. A filha lança ao crédito do objeto paterno os laços afetivos que tinha com o objeto materno, mas, mesmo assim, “qualquer que seja o ângulo sob o qual se aborde o trajeto que a menina deve percorrer, da relação pré-edipiana à relação edipiana, vamos sempre esbarrar com a mesma objeção.” (André, 1998, p.187).

As mudanças ocorridas com o advento do Édipo pela entrada da função paterna deixam sempre um resto carente de simbolização. As modificações efetuadas pela metáfora paterna nunca serão suficientes à menina. Aí está a razão que justifica a impossibilidade de abandono a essa referência à mãe.

Anorexia: um comer nada

Em 1964 (1985, p. 101), Lacan ressaltou, como dissemos antes, a referência ao **nada** e, em mais uma importante passagem, abordou nosso tema dizendo que “na anorexia mental, o que a criança come é o nada”. Operar o **nada** enquanto positividade é lançá-lo no lugar de objeto para efetuar uma falta no Outro. Só assim é que o sujeito poderá dar conta do trasbordamento sufocante daquele. O mesmo **nada**, operador de uma separação, foi destacado seis anos antes, em **A direção do tratamento e os princípios de seu poder** (1958/1998). Comer **nada** é uma forma encontrada pelo sujeito para fazer corte ao Outro, introduzindo uma falta, um não, diante da **papinha sufocante** que o Outro lhe oferece, na confusão entre desejo e necessidade.

Ao comer **nada**, o sujeito tenta transformar uma situação de onipotência em que o Outro se encontra numa impotência diante de seu desejo, ainda que possa ser levado às últimas consequências. Ocorre, desse modo, uma troca de lugares e, por meio desta, o sujeito ocupa, agora, imaginariamente, uma posição ativa, um lugar fálico, através da recusa ao alimento.

A anorexia, como tentativa de manter-se à distância do Outro, não se trata, a cada momento, de um ato desafiador, de o sujeito atuar enquanto agente da frustração materna? Onde esta demonstra uma expectativa angustiante de que o sujeito coma, e ele responde com sua indiferente recusa.

Apontar a anorexia como uma tentativa de separação não nos exime de esclarecer, no entanto, que é na vacilação entre as duas posições que o sujeito vai e vem no jogo que o constitui.

Essa dialética de atividade e passividade entre uma criança e sua mãe envolve uma oscilação entre ser tomado pela mãe como objeto e tomar a mãe como objeto. É em torno dessa luta em torno do objeto que as posições subjetivas vão se constituindo (Zalcborg, 2003, p. 132).

A partir do Outro, o sujeito é lançado nesse mundo de significantes e sua posição é definida de acordo com o movimento que ele opera diante de quem o constitui. Temos o exemplo dessa dialética

desde as primeiras experiências infantis, das quais a amamentação é o modelo maior, já que “pode ser descrita como a mãe dando o seio ao bebê, ou ela sendo sugada por este” (Freud, 1933[1932]/1996f, p. 116). Assim, a luta entre o sujeito e o Outro materno, que se passa no registro pulsional, é ilustrada por “tomar ou receber o seio, devorar ou ser alimentado, engolir ou cuspir”, (André, 1998, p. 194) característicos dos impasses das primeiras relações humanas. Na verdade, todas as relações que o sujeito estabelece estão articuladas sempre nessa tensão entre tentar separar-se do Outro e, novamente, alienar-se nele. É assim que agora passaremos a destacar o papel das operações de construção subjetiva, a alienação e a separação, que se ordenam numa operação circular, apesar de não recíprocas. De tal forma, o sujeito só pode ser conhecido no espaço que se abre através do Outro, por sua anterioridade. Através das construções teóricas desenvolvidas em torno das operações, é possível pensar a relação do sujeito com o Outro ressaltando a idéia de que a anorexia ensaia a tentativa incessante de o sujeito manter-se afastado e fazer valer seu próprio desejo.

Alienação e Separação

É no Seminário 11 que Lacan (1964/1985) desenvolve importantes construções sobre a instituição do campo do sujeito, ao mesmo tempo em que provoca rupturas, quando passa a introduzir categorias de outras áreas ao saber psicanalítico. Alienação e separação fazem parte desse novo momento e foram introduzidas em seu ensino como operadores derivados da lógica formal, mas que podem ser usadas, com algumas modificações, servindo ao entendimento de constituição subjetiva. Entretanto, no Congresso de Bonneval (1960/1998), ele já havia lançado ao público suas construções que encerram as operações de abertura e fechamento do inconsciente. No que se refere à alienação, Lacan usou a operação de reunião trazida do campo da lógica para explicá-la e, assim, nos diz que:

A alienação é própria do sujeito. No campo dos objetos não é concebível nenhuma relação que gere alienação, a não ser a do significante. Tomemos por origem o dado de que nenhum sujeito tem razão de aparecer no real, salvo por nele existirem seres falantes (Lacan, 1960/1998, p. 854).

A alienação é, então, a divisão obrigatória e necessária que põe o sujeito em causa, ela é o destino, já que “nenhum sujeito falante pode evitar a alienação. É um destino ligado à fala” (Soler, 1997, p. 61).

Fruto da fenda original, o sujeito é efeito de linguagem, daí registrar-se entre significantes. Na pulsação temporal primordial, que é o *fading* constitutivo da identificação, é que temos caracterizado, então, o primeiro movimento.

Para Soler (1997), o que se apresenta como novidade no seminário de 1964 é a operação de separação. A alienação apresenta novidade por sua relação com a lógica, mas é na introdução da separação que ela aponta um caminho inédito.

Para tratar da separação, Lacan modifica a operação de interseção. Conhecida na teoria dos conjuntos pelo que pertence aos dois lados do conjunto, ela passa a ser definida pelo que falta em ambos os lados, tanto do sujeito, quanto do Outro. É, pois, na interseção da falta que se encontram sujeito e Outro. Nessa lacuna, aberta pelo campo dos significantes e pela impossibilidade de completude, posta-se o desejo. É quando o discurso não dá conta do que o sujeito pretende dizer que o desejo advém.

A presença do desejo em si é presença de algo que falta na fala. É a presença de alguma coisa que está sempre atrás da fala, mas que não pode ser sempre traduzida numa demanda precisa. (Soler, 1997, p. 63). Na interseção que se apresenta na separação, o que se evidencia é a falta no Outro e a parte perdida do ser que o tornou sujeito e, assim, “reencontra no desejo do Outro sua equivalência ao que ele é como sujeito do inconsciente” (Lacan, 1960/1998, p. 857). É quando o sujeito vê o desejo se apresentar no Outro, revelado por suas inúmeras lacunas, que passa a ter valor de sujeito desejante.

Um sujeito que está posicionado no espaço da separação, dentre outras coisas, questiona o desejo do Outro. A proposição formulada pelo sujeito – O que eu sou no desejo do Outro? – não pode ser respondida nem pelo Outro, nem pelo ser, e muito menos pelo desejo que se opera no espaço entre eles. A resposta é elaborada em nível de libido, “pois é no nível das pulsões que temos

a resposta para a questão inefável do sujeito” (Soler, 1997, p. 65). É assim que no intervalo aberto entre o sujeito e o Outro algo se infiltra nesse ínterim – o objeto causa do desejo – que demarca a falta e a evidência.

Assim, o intervalo, interseção ou vazio entre o sujeito e o Outro não é tão vazio quanto parece, mas é uma lacuna onde alguma coisa entra. É o objeto *a*, na medida em que o objeto *a* não é sempre da ordem lógica, mas tem também uma consistência corpórea. (Id., *ibid.*, p. 65).

Diferente da alienação, que tem um caráter de obrigatoriedade, a separação não é o destino, pois pode ou não estar presente e passa por uma ação do sujeito. Assim, requer um querer, requer que o sujeito queira se separar da cadeia significante. A separação implica “uma vontade de sair, uma vontade de saber o que se é para além daquilo que o Outro possa dizer, para além daquilo inscrito no Outro”. (Soler, 1997, p. 63).

Mais um ponto importante é destacar que o Outro da alienação difere do Outro da separação. Aqui, é enquanto faltoso que ele se apresenta, enquanto que lá ele se coloca como cheio, repleto, sem falhas. É por isso que na separação, entre o sujeito e o Outro, se apresenta a falta no espaço de interseção entre eles.

Na interseção entre o sujeito e o Outro há uma falta, uma lacuna. O que é esta falta no Outro? É o que Lacan chama de desejo. Mas por que o desejo tem que necessariamente aparecer na fala? Porque há uma impossibilidade na fala: a impossibilidade de dizer o que se quer. (Ib., *ibid.*, p. 63).

A separação é uma forma de responder ao desejo do Outro, com o qual ele se relaciona nas suas faltas para se constituir como sujeito também do desejo. “É a operação pela qual o sujeito se liberta do efeito afanísico do discurso do Outro, excluindo-se da cadeia significante pelo acionamento de seu ser de sujeito sob a forma de objeto *a*”. (Valas, 2003, 81).

Lacan, explicando a etimologia do termo separação, aponta várias expressões relacionadas. Vestir-se, “defender-se, munir-se do necessário para pôr-se em guarda (...)” (Lacan, 1964/1985, p.

202), tudo aponta para justificar o termo escolhido, pois “*separare*, separar, conclui-se aqui em *se parere*, gerar a si mesmo” (Lacan, 1960/1998, p. 857).

A separação, então, completa o circuito não linear e opera uma torção essencial, ao romper com a lógica da interseção dos conjuntos. Uma pergunta, mesmo que já tenha sido formulada e mesmo respondida, implicitamente, merece ser feita agora: afinal, como a falta no Outro é percebida pelo sujeito? É nos intervalos do discurso, como disse Lacan. É então que surge a pergunta sobre o que pode estar por trás do discurso. Já sabemos que se trata do desejo.

O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, e todos os por-quês? da criança testemunham menos de uma avidez da razão das coisas do que constituem uma colocação em prova do adulto, um por que será que você me diz isso? sempre re-suscitado de seu fundo, que é o enigma do desejo do adulto (Lacan, 1964/1985, p. 203).

Como resposta, o sujeito lança a falta através do que seria o seu sumiço, a sua perda. O que ele põe em jogo é sua própria falta, “sob a forma da falta que ele produziria no Outro por seu próprio desaparecimento” (Lacan, 1960/1998, p. 858). Ao lançar-se como falta, pela possibilidade de desaparecer, ele não consegue dar conta de marcar a falta no Outro.

Mas o que ele assim preenche não é a falta que ele encontra no Outro, e sim, antes, a da perda constitutiva de uma de suas partes, e pela qual ele se acha constituído em duas partes. Nisso reside a torção através da qual a separação representa o retorno da alienação. É por ele operar com sua própria perda, a qual o reconduz ao seu começo (Id., *ibid.*, p. 858).

Assim, a separação não deixa de ser o caminho que conduz o sujeito a uma outra alienação. Na anorexia, ao mesmo tempo em que pretende apontar a falta no Outro, quando, por exemplo, faz com que a mãe deseje ao pedir-lhe que coma, o sujeito se oferece como objeto fálico, supremo em sua vontade de não comer.

Para dar conta do que se apresenta como falta no Outro, o sujeito busca saber que significação tem na sua fantasia e se oferece como objeto. Se a mãe empanturra a criança para não querer saber sobre sua falta, no uso da recusa é que a anoréxica encobre sua falta com a falta na mãe e é assim que uma falta recobre a outra.

Daí, a dialética dos objetos do desejo, no que ela faz a junção do desejo do sujeito com o desejo do Outro – há muito tempo que eu lhes disse que era a mesma coisa – essa dialética passa pelo seguinte: que aí ele não é respondido diretamente (Lacan, 1964/1985, p. 203).

No sintoma anoréxico, o corpo vai definhando, como se fosse próprio a ele uma certa volatilidade, com o propósito de marcar uma falta no Outro. Apesar de parecer se situar no registro do descarnado, como querem indicar alguns autores, é o corpo esquelético, cada vez mais magro, que carrega consigo uma marca fálica. Oferecido ao Outro, o corpo em pele e osso se valoriza a cada vez que se consome pelo próprio sujeito. É assim que ganha valor através do olhar alheio, espantado com o desafio de quem pode ir às últimas conseqüências. Em seu estatuto na anorexia, o corpo passa a ser veículo para que o sujeito se mantenha à distância do Outro. “Tanto para Freud, quanto para Lacan, quando a menina supõe ser provida de um falo, é por ser esta a única maneira que encontra para desejar” (Pollo, 2000, p. 72).

O registro fálico garante que o sintoma seja vislumbrado no campo do desejo, ao mesmo tempo em que deixa a feminilidade à sombra. O corpo sem contornos, sem curvas que possam aproximar o sujeito de uma identificação feminina revela mais que isso, pois destaca um não querer saber sobre a diferença sexual.

Para Pollo (2000), a anorexia é vista não como causa, mas como conseqüência de uma certa relação do sujeito com o Outro do saber. A criança demanda que a mãe opere em função de um desejo fora dela, que se mostre em falta, demonstrando saber que o objeto da necessidade tem uma natureza distinta do dom de amor.

Por meio da anorexia, a criança, o jovem ou o adulto afastam-se com ódio do Outro da demanda, que acredita saber tudo sobre cuidados de saúde e alimentação.

Na qualidade de sujeito, podemos dizer que eles entram numa modalidade de laço social em que o gozo se deixa ver como algo da ordem de uma privação, assim como o desejo se sustenta na margem estreita que se separa da necessidade, porquanto é sobretudo desejo de não-de-sajar. Porém, desejo ainda. (Pollo, 2000, p.68).

Quanto mais o corpo estiver em um registro fálico, mais a anorexia se encontra no campo do desejo, sendo o corpo utilizado então como uma resposta ao desejo do Outro. Isso, mais uma vez, não quer dizer que o gozo não esteja presente no sintoma da anorexia quando há essa valorização fálica do corpo.

Por fim, feitas as considerações pertinentes quanto ao que pretendemos nos referir, demos ênfase aos dois processos de constituição subjetiva, destacando mais especificamente a relação existente entre a separação e a anorexia, que se coloca como uma saída para manter-se longe da alienação ao Outro. Assim podemos recortar que a anorexia se coloca enquanto constante tentativa de separação. Isso garante que o desejo do sujeito permaneça insatisfeito e que esteja sempre em busca de se separar.

O destaque dado aos dois processos de constituição do sujeito deve-se ao fato de que eles estão intimamente relacionados e, por isso, não seria possível que tratássemos da separação, ignorando o que é próprio desse processo: uma nova alienação. Desse modo, podemos dizer que, inscrito no campo do desejo para demarcar a tentativa de separação, anorexia, irremediavelmente, implica, mais uma vez, num novo processo de alienação.

É nessa interseção, na ligação mesma que se articula entre os dois espaços, que não cabe denominá-la uma nova estrutura, ou sequer localizá-la exclusivamente como neurose, enquanto perversão ou ainda como um quadro de psicose. Apontando os caminhos para percorrer o que poderia ser uma saída para uma simples e não menos importante questão: como a psicanálise entende a anorexia? – fomos guiados por Freud, Lacan e outros importantes autores.

Quando temos evidentes pontos importantes sobre o desenrolar da sexualidade feminina, passa a ser possível estabelecer

algum diálogo com autores que tecem construções ao entendimento da anorexia no campo da psicanálise. Dentre os estudiosos que se dedicam a esse tema, temos Bidaud (1998). Gostaria de destacar algo de fato importante a ser considerado sobre seu livro **Anorexia mental, ascese e mística**. Nele, o psicanalista francês diz que, em seu entendimento “a anoréxica está sob o domínio do desejo incestuoso de sua mãe e fica ‘intocada’ pelo desejo do pai” (p. 10). Ora, se assim o fosse, em todos os casos de anorexia não estaríamos diante de um quadro aproximado de psicose? É importante dizer que não estamos desconsiderando o fato de que existam sujeitos psicóticos com um sintoma anoréxico. O que pretendemos é construir alguns parâmetros que permitam pensar a anorexia na via de manutenção do desejo, onde necessariamente a função paterna se apresenta.

Finalmente, concordamos com Pollo (2000) quando não acreditamos que “os sujeitos anoréxicos estejam necessariamente numa relação a dois, mesmo se estão em uma aliança de domínio especular com suas mães”. A anorexia é um recurso que pretende fazer com que “o sujeito possa mover-se da demanda do Outro ao reconhecimento do desejo do Outro como distinto do seu próprio” (p. 76). A satisfação da anoréxica dispensa o alimento. Esse ato extremo, expresso pela renúncia, mostra escancaradamente que nada pode dar conta da falta. Só mesmo a própria falta. Assim é que pensamos a anorexia enquanto sintoma que destaca a insistente tentativa do sujeito de manter-se afastado do Outro e, conseqüentemente, preservar o seu desejo.

Referências

- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bidaud, E. (1998). *Anorexia mental, ascese, mística: Uma abordagem psicanalítica* (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Freud, S. (1996a). *Mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1893).

- Freud, S. (1996b). *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho G* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1996c). *O método psicanalítico de Freud* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1904[1903]).
- Freud, S. (1996d). *História de uma neurose infantil* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1918 [1914]).
- Freud, S. (1996e). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1996f). *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise: Conferência XXXIII: Feminilidade* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933 [1932]).
- Lacan, J. (1985). *O Seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1960).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário: Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar (Originalmente publicado em 1956).
- Lacan, J. (1998a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998b). A posição do inconsciente no Congresso de Bonneval (1960, retomado em 1964). In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1960).
- Pollo, V. (2000). *Quando se “come nada”: A resposta anoréxica*. In *Marraio: A criança e o laço social* (pp. 65-78). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Soler, C. (1997a). *O sujeito e o outro II*. In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus. *Para ler o Seminário 11 de Lacan* (pp. 58-67). Rio de Janeiro: Zahar.

- Soler, C. (1997b). *O sujeito e o outro I*. In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus. *Para ler o Seminário 11 de Lacan* (pp. 52-57). Rio de Janeiro: Zahar.
- Valas P. (2003). Horizontes da psicossomática. In R. Wartel, A. Merlet, E. Laurent, M.-H. Blancard, F. Josselin, J. Guir et al. *Psicossomática e psicanálise* (Campo Freudiano no Brasil, pp. 69-86). Rio de Janeiro: Zahar.
- Zalberg, M. (2003). *A relação mãe e filha* (8a ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.
- Zolty, L. (1989). Como definir um conceito psicanalítico. In J. D. Nasio, *Os sete conceitos cruciais da psicanálise* (pp. 9-10) Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido em 14 de agosto de 2007

Aceito em 13 de julho de 2008

Revisado em 18 de agosto de 2008